

Aprovada na 915ª Sessão

ALADI/CR/Ata 913
(Extraordinária)
24 de outubro de 2004
Horas: 10h 05m a 10h 40m

ATA DA 913ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA, DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

Incorporação ao Comitê de Representantes do Excelentíssimo senhor Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena, Representante Permanente do Uruguai.

Preside:

LEONARDO CARRIÓN EGUIGUREN

Assistem: Juan Carlos Olima e Rubén Javier Ruffi (Argentina), Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), Bernardo Pericás Neto, Luciano Mazza de Andrade, Roberto Goidanich e Luiz Augusto Marfil (Brasil), Carlos Appelgren Balbontín, Oscar Quina Truffa e Hernán Enrique Núñez Montenegro (Chile), Alfonso Soria Mendoza (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Juan Larrea Miño (Equador), Perla Carvalho, Dora Rodríguez Romero e Marco Antonio Barrera Fuentes (México), Juan Carlos Ramírez Montalbetti, Marcelo Eliseo Scappini Ricciardi, Nancy Doria de Guggiari e María Inês Benítez Riera (Paraguai), Gustavo Teixeira Giraldo, Eric Anderson Machado e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Gonzalo Rodríguez Gigena, Miguel Pereira, Jorge Luis Jure, Enrique Ribeiro Crestino e Roberto Muínelo (Uruguai), Luisa López Moreno (Venezuela), Fernando González Davison (Guatemala), e Rafael Julián Cedano (República Dominicana).

Secretário-Geral: Didier Operti Badán.

Subsecretários: José Rivera Banuet, Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE: Bom dia a todos! Iniciamos a sessão, extraordinária, número 913 do Comitê de Representantes para receber o senhor Representante Permanente da República Oriental do Uruguai, Gonzalo Rodríguez Gigena.

Sinto grande satisfação de dar as boas-vindas ao Comitê a um amigo que se incorpora como Representante Permanente do Uruguai, como é o caso de Gonzalo Rodríguez.

Gonzalo fez Mestrado em Economia da Divisão de Estudos Superiores da Faculdade de Economia da Universidade Nacional Autônoma do México, depois de ter estudado na Universidade do Chile. Chegou ao mestrado com o título de engenheiro agrônomo da Universidade da República, com especialização em economia agrária.

E chegou ao cargo de Representante Permanente do Uruguai junto à ALADI depois de cumprir importantes funções como Diretor Geral de Assuntos Econômicos Internacionais do Ministério das Relações Exteriores (de seu país). Dessa forma, o Embaixador Rodríguez retorna à ALADI, onde foi funcionário do Departamento de Política Comercial e Coordenador da Divisão de Estudos e Estatísticas.

Sua experiência internacional é muito vasta. Antes de trabalhar na ALADI, foi consultor da CEPAL, da FAO, do ILET, fundamentalmente a respeito de assuntos agroindustriais, agrocomerciais e da ligação entre a economia e a agricultura.

Tudo isso, todo seu périplo de consultor internacional foi acompanhado de um papel acadêmico na própria UNAM, no CIDE, no ILPES e, naturalmente, na Universidade da República; e como não podia ser de outra forma, em sua carreira produziu grande quantidade de documentos, estudos e artigos que foram publicados em muitíssimas revistas e anuários, tanto no México quanto no Chile, no Uruguai e na Argentina.

Sua grande experiência internacional, que combina os aspectos técnicos com os políticos, garante que, com ele, teremos no Comitê importantes contribuições. Seu conhecimento dos processos de integração de dentro, como funcionário internacional, e no caso político, como Diretor de Assuntos Internacionais da Chancelaria, serão de muita utilidade para nós.

Neste momento, quando enfrentamos desafios muito importantes no interior da ALADI, temos o mandato do Conselho de Ministros das Relações Exteriores do ano passado, e os mandatos procedentes dos Chefes de Estado da Comunidade Sul-Americana de Nações; isso tudo nos conduz a enfrentar, nos próximos meses, desafios altamente importantes, que temos de cumprir como passo fundamental nos esforços regionais de integração na América Latina.

É por isso que dar as boas-vindas a Gonzalo é uma grande honra para mim. Sabemos que ele colaborará com todo seu conhecimento, com todas suas contribuições, que serão fundamentais em nossas deliberações. Ao dar as boas-vindas a Gonzalo, quero também fazer constar que, nos últimos meses, a presença de Jorge Jure, como chefe interino da Representação uruguaia, foi um grande apoio e sei que continuará sendo.

Gonzalo, bem-vindo à que já foi tua casa e que agora espero que continue a sê-lo por muitos anos mais.

Com estas palavras, dou a palavra ao Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL: Obrigado, senhor Presidente. Em nome da Secretaria-Geral, receba o Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena nossos cumprimentos e palavras de boas-vindas.

O Presidente foi exaustivo enunciando suas atividades, atributos, trabalhos e experiência. Portanto, remeto-me a isso e, especialmente, ao detalhado *curriculum vitae* que acompanha esta sessão. No entanto, gostaria de acrescentar algumas outras expressões.

A qualidade da ALADI é o resultado de uma visão, de uma soma e, provavelmente, em muitos casos, resulte em uma multiplicação, quando possível. Quando isso ocorre, é bom, é positivo para uma Organização ter em seu cerne pessoas com experiência no terreno da economia, da integração, das instituições e, no caso particular do Embaixador Rodríguez Gigena, no terreno da produção agrícola e sua repercussão na economia de nossos países, que, em definitivo, todos têm uma matriz de produção fortemente agrícola.

Portanto, a ALADI o recebe em seu cerne não como a alguém que não conhece a Organização, ao contrário, creio que é absolutamente familiar para o senhor e imagino que pode lhe acontecer algo similar ao que me ocorreu a mim em meus tempos de OEA, quando sendo funcionário de uma determinada área, a jurídica, retornei a ela como primeiro Embaixador do governo democrático da República.

Portanto, bem-vindo, bem-vinda Representação do Uruguai, e, também, se me permitirem, senhor Presidente, nosso reconhecimento, embora possa estar dentro das normas gerais da lei, a Jorge Jure, que ocupou o cargo de Encarregado, desculpem a redundância.

Bem-vindo, então, e muita sorte em seu trabalho.

PRESIDENTE: Tenho a honra de oferecer agora a palavra ao Embaixador Gonzalo Rodríguez Gigena.

Representação do URUGUAI (Gonzalo Rodríguez Gigena): Muito obrigado, senhor Presidente, por suas palavras. Muito obrigado, senhor Secretário-Geral.

Queria cumprimentá-los, bem como os Subsecretários, os Observadores, o conjunto de Embaixadores, que me apraz que hoje estejam aqui, acompanhando-me.

Queria expressar meu agradecimento ao Presidente, Doutor Tabaré Vázquez, ao Ministro das Relações Exteriores, senhor Reinaldo Gargano, e à Subsecretária, Professora Belela Herrera, por ter-me dado a oportunidade de trabalhar junto aos senhores nesta área que tanto apreciamos.

Outrossim, volto a trabalhar com pessoas com as quais trabalhei aqui, nesta Instituição, com o senhor Isaac Maidana, com Jorge Rivero, com Roberto Muínelo, e com várias pessoas mais que vejo aqui, que certamente vou encontrar nos próximos anos.

Queria compartilhar com os senhores alguns temas, muito rapidamente. Estas ocasiões não são momentos de fazer longas intervenções, porém, quero compartilhar alguns temas que foram um pouco além de certa formalidade que normalmente acompanha estas intervenções.

Voltei para uma de minhas casas. Eu tive três casas na vida: uma foi a Universidade da República, outra foi o *Centro de Investigaciones y Docencia Económica* (Centro de Pesquisas e Docência Econômica) no México, onde trabalhei durante 14 anos, e a terceira foi a ALADI, onde trabalhei durante 15 anos e acabei no Departamento de Estudos. E nesta Casa, especialmente, tratamos a respeito da integração, o que me conduz diretamente ao compromisso para o qual fui designado.

Tive de ser testemunha privilegiada, durante 15 anos, de diferentes sucessos da integração. Ao longo dos 80', os países estiveram desorientados, não souberam aproveitar o instrumento que o TM80 lhes oferecia. A integração esteve separada das políticas de desenvolvimento, houve um despertar incipiente na segunda metade da década dos 80'. Um despertar incipiente da utilização dessas oportunidades no sul, através dos acordos entre a Argentina e o Brasil, mas que ainda eram parciais em algum sentido.

Eu entrei na ALADI no ano 89; foi a primeira vez que foram ultrapassados os níveis de comércio atingidos nos anos 81 e 82. Ou seja, demoramos quase 10 anos da crise da dívida para recuperar os níveis de comércio atingidos em 81 e 82. Vi máximos de comércio no ano 97, nunca antes atingidos, e posteriores crises e quedas, mas sempre voltou a se levantar com o esforço das empresas que levavam adiante esse comércio intra-regional.

Hoje, esses resultados comerciais foram novamente ultrapassados e estamos atingindo volumes que realmente chamam a atenção. Estamos próximos dos 75 bilhões de dólares de comércio intra-regional e de volumes próximos dos 500 bilhões de dólares em exportações globais. Esses resultados comerciais decorrem, principalmente, da rede de acordos tecida ao longo desses 15 anos, desde 1990 até hoje. No entanto, em outras áreas, que fazem parte de nossa tarefa cotidiana, os avanços diminuíram e não é difícil encontrar uma explicação para isso. Eu os convidaria para olhar um pouco para o mundo no qual vivemos – aqui começaria a segunda parte de minha intervenção – e, a partir daí, voltar a olhar rapidamente para a integração.

É um lugar comum dizer que o mundo sofre grandes mudanças, é quase inocente dizê-lo. Essas mudanças mundiais são econômicas, políticas, e há outras que vão por baixo, que são as que realmente gostaria de analisar com os senhores. Quanto às mudanças econômicas, sabemos dos blocos, da globalização, do aumento da produtividade em geral, da integração do capital e dos negócios e, em termos políticos e militares, sabemos de uma hegemonia nunca antes conhecida no mundo, que não deriva em uma gigantesca concentração do poder no âmbito mundial. O que impressiona nestes casos é a rapidez nas mudanças.

O que é que discutíamos ou líamos ou nos inquietava há 15 anos? Certamente, os senhores lembrarão de Lester Thurow, Michel Albert, Jacques Atalli preocupados em 1990, 91, 92, depois da queda do muro, por quem iria dominar o século XXI; se seria o capitalismo anglo-saxão, depois da queda do muro, ou se seria o capitalismo de tipo japonês e alemão. Apresentada exclusivamente em termos econômicos, a integração não era uma prioridade, não estava presente, não estava no âmbito da conversa, exceto entre nós.

Porém, o mundo revelou uma União Européia que, através da República Federal da Alemanha, anexou-se à Alemanha Oriental e hoje continua esse processo, chegando a 25 países, que talvez sejam, em breve, 26. Os Estados Unidos mudaram sua política e da multilateralização, tradicionalmente defendida, passou para uma bilateralidade muito agressiva. Na Ásia existia uma integração produtiva de fato, funcionando, que é grande parte da causa do êxito econômico da região.

E na América Latina começaram a proliferar os Acordos de Livre-Comércio. Estamos nos referindo ao período de 1990 até hoje, quinze anos, que na história são nada, porém, em 1989, 1990, 1991, isso não estava presente, não era discutido, eram outras as preocupações. Mas por trás disso ocorria um terceiro grupo de mudanças, anterior, mudanças demográficas e culturais, que condicionarão este mundo onde temos de viver e negociar e tentar desenvolver nossa integração.

Nesta década que estamos vivendo, por primeira vez, as pessoas de mais de 65 anos serão mais que as de menos de 15. Por primeira vez a população urbana será maior que a população rural. Por primeira vez a média de filhos que uma mulher terá no mundo será dois ou menos, isto é, ocorrerá apenas a reposição dos pais. Para 2050 não haverá alguém vivo neste mundo que tenha visto duplicar a população mundial. Todos os que estamos aqui, que creio que quase todos nós temos mais de 43 anos de idade, vimos a população mundial se duplicar desde 1962 em diante, até hoje.

O mundo demorou 1750 anos da era cristã e tudo o que a precede em atingir o bilhão de habitantes. Demorou, depois, apenas 250 anos para atingir 6 bilhões de habitantes. Isso produz enormes mudanças nos equilíbrios futuros. A queda no índice de crescimento da população global, por primeira vez, está sendo voluntária: a população mundial caiu muitas vezes, por pestes, por guerras, mas agora o índice de crescimento da população cai voluntariamente e essa é uma novidade que chegou para ficar.

Em 1950, os países em desenvolvimento tinham duas vezes a população dos países desenvolvidos. Em 2050 terão 6 vezes a população dos países desenvolvidos. Em síntese, como diz Joel Cohen na última *Scientific American*, a população mundial vai ser maior, vai crescer mais devagar, vai ser urbana e vai ser mais velha.

Seremos, em 2050, não há certeza, mas, conforme as projeções, entre 7 e 12 bilhões de pessoas. Isso vai mudar todos os equilíbrios que, neste momento, pensamos que são os que temos de ter em vista para negociar.

Dos atuais 6 bilhões, há 3 na pobreza ou na pobreza extrema que exercem tremendas pressões migratórias. Eu acredito que os senhores todos têm presentes esses paus amarrados com os quais se tentava chegar da África até algum canto da Espanha, no último mês, durante uma semana inteira, todas as noites.

Estão também presentes essas migrações em nossas pátrias peregrinas, nos “costas molhadas”; há fluxos migratórios no interior de nossos países e, entre eles, há 200 milhões de migrantes no mundo. Apenas é possível prever que as pressões serão muito fortes, em termos migratórios, e que isso, necessariamente vai alterar as relações econômicas no interior dos que recebem as migrações e de onde saem.

Como dizia Michel Albert, se o capital não for onde estão as pessoas, as pessoas irão onde está o capital. E, para isso, vai quebrar todos os diques necessários. É a esse mundo que temos de nos integrar e, dessa integração, tentar assaltar esse mundo globalizado. Fizemos vários intentos falhos de integração na América Latina, mas provavelmente não estávamos prontos para concretizá-los. Em julho de 1822, San Martín e Bolívar se encontraram. Foi uma oportunidade talvez única na história, na qual poderiam ter se consolidado duas grandes nações na América do Sul; não foi possível. Era o momento da dissolução do império espanhol e da colônia portuguesa instalada na América.

No mundo, além do mais, estava se consolidando um salto qualitativo, os Estados Nacionais; havia uma integração bem sucedida nos Estados Unidos, que era um país

“vazio”. Concluía uma longa etapa de superação da dissolução feudal, que pouco tempo antes concluía na Europa, como destaca Barnes, era a etapa do *Zollverein* na Prússia, começava-se a ver a eliminação de barreiras internas. Depois, Bismarck completou isso. Havia processos semelhantes em outras terras. Nós não soubemos ou não pudemos fazer a mesma coisa em termos de nações grandes, primaram interesses locais, tornamo-nos um arquipélago desconectado de tudo o que nossos Libertadores queriam.

Falhamos em tentativas posteriores no sul; certamente, todos nós recordamos o famoso discurso de Perón na academia de guerra, onde dizia que o ano 2000 nos encontraria dominados ou unidos. Isto é, unidos ou dominados. Falhamos com tentativas esqueléticas, pouco comprometidas, como a da ALALC, que não se concretizaram como tinha sido proposto por mentes como a de Prebisch e por tantos outros.

Foram concretizadas pela metade, impedindo, dessa forma, a possibilidade de avançar em um processo de integração comprometido. E quando aprofundamos no processo de 80 e criamos este instrumento, que é a ALADI, vimos que tínhamos perdido uma década como consequência da crise da dívida, provocada por nossas próprias políticas ruins e por uma mudança na política monetária dos Estados Unidos, levada adiante por Paul Volcker a partir de 1979. Como consequência, triplicaram-se as taxas de juros de nossa dívida e caímos na crise da dívida.

Considero que um salto qualitativo dessa magnitude, da magnitude da consolidação dos Estados Nacionais, é o que temos que ter a audácia de tentar hoje. Como tarefa nossa, como tarefa de nossos Governos. Temos de ter o valor de pensar em supra-nacionalidades úteis. Há estruturas que são necessárias no tabuleiro mundial atual e essas estruturas vão além de nossos países e precisam de profundidade. Do nosso ponto de vista, há um *momentum* político e um *momentum* econômico.

Poucas vezes todos os países da ALADI cresceram ao mesmo tempo. O ano passado e este foram uma dessas e, certamente, o próximo também será, com muito poucas exceções. Sabemos qual é o ponto de chegada, o que estamos procurando é o melhor caminho, o que tem menos obstáculos para chegarmos lá. Temos democracia e paz, e estamos comprometidos a mantê-la, entre todos, com a colaboração de todos, com um compromisso coletivo. Todos os países estão crescendo, temos tarefas, temos mandatos, precisamos de compromisso e generosidade.

Temos uma nova estrutura na ALADI, há Grupos de Trabalho que tratam o que hoje é discutido no mundo. Nesse mundo onde há um gigantesco mar de oportunidades, se conectarmos o arquipélago. E os indícios e as provas de que estamos a conectá-lo estão aí. Estamos pensando e estamos criando a interconexão energética. Temos o IIRSA, que vai derivar em um gigantesco aumento das possibilidades de investimento produtivo e dinamizador. As vias por meio das quais vamos percorrer isso, a Comunidade Sul-Americana de Nações, o Espaço de Livre-Comércio na ALADI, o Mercado Comum Latino-Americano, que é a meta final.

São formas concorrentes de encarar nossa presença em um mundo multipolar, no qual nós vamos a agir, também, em âmbitos mais amplos, como o Grupo Cairns, o G20, o G77, quem sabe quantas alianças mais seremos capazes de construir e das quais vamos participar nos próximos anos.

Certamente nos surpreenderemos da quantidade de oportunidades que surgirão e da quantidade de alianças e potencialidades que vamos ter para agir em um mundo no qual o que foi o centro dos países desenvolvidos há 100 anos já não é mais hoje, há 50 anos,

também não é o mesmo; vários desses países perderam importância relativa, na produção, no comércio, e estão surgindo outros.

É quase surpreendente pensar que, em 1990, nas principais preocupações dos teóricos que pensavam no futuro, não aparecia a China. Como vemos, as mudanças foram muito grandes. Para agir neste mundo, precisamos de rainhas no tabuleiro. Nesse novo tabuleiro, não é suficiente com peões, precisamos de rainhas, de torres, de bispos e de cavalos, e esses serão todos os grupos de alianças aos quais poderemos recorrer. Os povos estão agindo como fluidos e em determinado ponto rompem as barreiras. Estamos exportando pessoas e isso é exportar energia. Façamos um esforço para parar essa peregrinação de nossas pátrias. Abramos os caminhos entre nós para que a energia desses fluxos fique conosco.

Precisamos de audácia e coragem para atacar alguns temas que os senhores conhecem muito bem. Com certeza, mais do que eu, que nestes últimos tempos estive ocupado com outras coisas, mas, entre eles estão os muito escassos núcleos duros que se mantêm em termos tarifários entre nós. Está a homologação de normas, está a integração física, está presente a necessidade de aceitarmos mutuamente limitações em nossas demandas e ampliações em nossas ofertas em novos temas, com uma grande amplitude no tratamento de, desculpem a redundância, dos tratamentos diferenciais. É imprescindível que contemplemos esse aspecto e que o contemplemos com altura de miras, com audácia, com generosidade. No fim das contas, isso é o que pedimos em outros foros. Não podemos deixar de contemplá-lo com fortaleza entre nós.

Não queremos que alguém fique para trás nesse processo. Tudo isso vai nos fortalecer nos foros nos que está sendo definido o destino do mundo. Não podemos saber quantas oportunidades mais teremos. Sabemos que temos esta e não temos mais que a obrigação de aproveitá-la.

Eu gostaria de concluir com duas referências muito breves. Uma é uma anedota. Stephen Louis, Enviado Especial das Nações Unidas à África, percorrendo uma pequena chácara onde tinham feito pequenos canais para rega, umas pequenas estruturas de moinhos de rega a pedal, parecidos com os aparelhos para fazer ginástica em um Spa, via que estavam plantando repolho, estupendos repolhos; então, perguntou às mulheres que estavam se encarregando disso: - Rende bem? - Sim, sim, nós comemos isto. - E tem mais proveito? - Sim, sim, nós os vendemos. - Que bom! E o que fazem com o excedente? - Compramos ataúdes.

Ataúdes da desnutrição, das doenças, todas elas evitáveis. Isso, é claro, era na África, esquecida pelo mundo; mas todos nós sabemos que na América Latina há lugares que podem viver situações similares. Não queremos isso em nenhum lugar da América Latina, mas parte do êxito estará em consolidar e aprofundar nossa integração para o desenvolvimento.

A outra referência que queria fazer era a John Maynard Keynes, que em 1930, antes de escrever a Teoria Geral, escreveu um livro intitulado: O futuro de nossos netos, no qual sustentava que os netos sairiam da pobreza no mundo inteiro. Não foi possível, saíram no mundo desenvolvido, não saíram no mundo todo.

Hoje, Jeffrey Sachs resgata a idéia e foi um dos principais instigadores das metas do milênio. Ele coloca, no último livro, que acabou de ser publicado: O Fim da Pobreza, que é muito possível conseguir isso para nossos filhos e, mais ainda, consegui-lo em um prazo de 20 anos. Que é possível fazê-lo, que estão os recursos, está a tecnologia, está tudo a

disposição. Já não há justificativo ético nem econômico para a pobreza, todos nós temos um papel e os que estamos aqui sentados, também. Somos uma espécie, usando um símile futebolístico, de meio campo, entre os Governos, os políticos e as Organizações que terão de aplicar os instrumentos que nós ajudemos a desenhar para aprofundar a integração.

Não é fácil; certamente teremos discussões e desencontros. Mas, deste lugar, com Miguel, com Jorge e com Enrique, os senhores terão leais aliados para a tarefa, tanto no acordo quanto na discrepância, e pensando sempre em um horizonte que nos leve a todos nós a cumprir da melhor forma possível nossas responsabilidades com nossos representados.

Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE: Agradeço ao Embaixador Rodríguez suas palavras e antes de encerrar a sessão, convido os senhores Chefes de Representação para a foto que registrará esta ocasião especial.

- Foto.

Encerra-se a sessão.
